Digitalizado pela Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
Disponível em http://www.etnolinguistica.org/index:edelweiss

FREDERICO G. EDELWEISS

ESTUDOS TUPIS E TUPI-GUARANIS

CONFRONTOS E REVISÕES

LIVRARIA BRASILIANA EDITÔRA
RIO DE JANEIRO
1969

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://biblio.etnolinguistica.org

III

O VOCABULÁRIO PORTUGUÊS-BRASÍLICO

Êsse códice do Museu Britânico ainda não foi objeto de uma apreciação à altura do seu valor, não obstante haver sido pôsto ao alcance dos estudiosos desde 1859(1).

O autor das exíguas notas prefaciais da meritória reedição feita pela Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo(2), embora renegue a identidade do *Vbp.* que antes lhe havia atribuído(3), acrescenta muito pouco ao que sabíamos e, nesse pouco, há mais de uma afirmativa ou insinuação inconsistente.

Em primeiro lugar, o manuscrito, se fôr apógrafo, de qualquer forma é reprodução de um trabalho autônomo desconhecido, ainda que certas definições insinuem a utilização ocasional do *Vlb.* do jesuítas.

Provas da sua originalidade temos nas numerosas formas divergentes e, principalmente na atitude crítica do seu autor, quando afirma:

A, que um têrmo já *não se usa,* como nos verbetes: *acordado, agradável, airosa, alcançar, algum dia, marcar, sisudo, tortura, inimigo,* etc.

B, que certas expressões são *mais elegantes,* como lemos nos correspondentes tupis a: *peregrino, atrás, cercar, Natal* etc.

(1) — *França, Ernesto Ferreira —; Crestomatia da Língua Brasílica;* Lípsia, 1859.

(2) — Boletim n.º 135 da Faculdade de Filosofia C. e L. de São Paulo, 1951.

(3) — Veja o *Vocabulário na Língua Brasílica;* S. Paulo, 1938; Prefácio; pp. 49–50.

C, que são *vulgares* alguns têrmos tupis citados para traduzir: *acertar, acordar, admoestar, ainda que, chave, flor, fonte, mudar-se, não, preto, vomitar,* etc.

D, quando, pela conjunção alternativa *ou,* oferece uma segunda forma tupi, que não figura no *Vlb.* como para: *alimpaduras, amortalhar, laço, roça, roupa,* etc.

Entretanto, em muitos casos agiu como todos os dicionaristas, resenhou dos vocabulários, sem menção especial, o que lhe pareceu útil ou atual e completou-o com os seus registos pessoais. Dêstes deve ter colhido parte substancial entre os tupinambás do Maranhão, aos quais se reporta em alguns verbetes, como: *feiticeiro, quebras, não querer, padre* etc.

De outro quinhão é devedor a uma *arte* e um *catecismo,* que cita dezenas de vêzes e nem sempre para simplesmente concordar com êles.

Uma obra que surge com êstes distintivos não é mera cópia; é trabalho consciencioso de real valor, sobretudo para estudos comparativos.

II.º — A *Arte,* a que se refere, é realmente a do pe. Figueira, mais exatamente a segunda edição, de 1687, que o prefaciador da reedição do vocabulário parece não ter tido à mão para o indispensável confronto. — Porém, o *catecismo* não é nenhum dos contidos no códice e sim o do p. Antônio de Araujo, igualmente o da segunda edição, de 1686.

III.º — Ainda por esta razão, o códice não pode, na data de 1757 que ostenta, ser tachado de cópia de *texto antigo,* porque os compêndios nêle aproveitados datam do fim do século dezessete. Êsse fato e outras minúcias colocam a feitura do vocabulário, em volta do ano de 1.700, ou seja época relativamente próxima do mencionado ano.

IV.º — Prováveis autores jesuítas(4) do vocabulário nunca existiram, porque o compilador do manuscrito original foi um franciscano! Testemunho irrecusável dessa nossa afirmativa fornece o verbete *Fundador da Religião*(5), que êle define e traduz como segue:

"Pode-se dizer vg. — *pái tukura ypy: o primeiro padre da Ordem dos Capuchos,* i.e. São Francisco".

(4) — O prefaciador, que não admite autor, fala em copistas.

(5) — *Religião* tem aqui a velha acepção genérica de *ordem religiosa.*

Nem o mais ignaro jesuíta seria capaz de dar semelhante definição, preterindo a Companhia e Santo Inácio pela ordem franciscana e o seu fundador.

Os franciscanos estavam estabelecidos no Estado do Maranhão desde 1617 e ali dirigiam 15 missões, em 1718(6), data muito próxima à época em que foi compilado o *Vpb*.

A êsses reparos ao prefácio da edição de São Paulo vale a pena acrescentar alguns esclarecimentos úteis à perfeita compreensão de certas peculiaridades e capazes de amparar diversas afirmativas nossas.

O *Vpb*. foi composto entre as tribos tupinambás do Estado do Maranhão colonial, segundo provam diversas referências e pormenores outros, como os verbetes:

ygá-rapé — ribeiro,
cacau-tyba — cacaual,
castanha-tyba — castanhal,

naquele tempo usados exclusivamente no Maranhão e na Amazônia. Só nas proximidades de 1800 começaram a formar-se cacauais na Bahia, muito embora já exitissem por aqui cacaueiros avulsos desde meados do século dezoito e talvez mesmo antes(7).

Essas tribos tupinambás, segregadas pelos missionários, ao contrário do que aconteceu com as populações mestiças, conservaram a relativa pureza da sua língua até à segunda metade do século dezoito, conforme atesta o missionário jesuíta Anselmo Eckart(8). Lentamente, porém, a língua portuguêsa foi ganhando terreno e, para servir a todos os fiéis na língua que melhor entendiam, o p. Bettendorff, que também não era grande adepto do isolacionismo dos índios, publicou, em 1687, o seu catecismo bilingüe, depois de se ter desincumbido da impressão das segundas edições do catecismo do p. Araújo e da gramática do p. Figueira, em Lisboa.

A despeito de, então, haver sido atualizada a linguagem do catecismo de Araújo, notam-se divergências mórficas mínimas entre o seu texto, composto nas capitanias do Centro e Sul, e o de Bettendorff, do Norte.

---

(6) — *Röwer, frei Basílio —; A Ordem Franciscana no Brasil;* Rio, 1942; p. 73.

(7) — Veja *Documentos Históricos*, Rio; vol. 9, pp. 211, 226, 227 e 228.

(8) — *Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung* etc. pp. 538 e 562.

Mas como o vocabulário dos livros religiosos é sempre um tanto estereotipado, é fácil compreender, que as discrepâncias entre êle e o da linguagem familiar deviam ser mais numerosas.

O *Vpb*. não apenas testemunha o fato e fornece dados abundantes para avaliar a sua extensão, mas ainda mostra diferenças dialetais e certo esboroamento da primitiva formação léxica.

Por tudo isso o *Vpb*. é um elo valioso nos estudos da gramática histórica tupi, colocando-se entre o tupi original dos primeiros jesuítas e o dialeto do *Dicionário Português e Brasiliano* com o seu legitimo reverso, da *Poranduba Maranhense*.

Infelizmente a grafia do manuscrito não é tão conseqüente, quanto, pelos mestres consultados, fôra de esperar.

O frade, que tanto manuseava o catecismo de Araújo, não assimulou por inteiro a grafia bastante racional da sua segunda edição, sobretudo na parte que diz respeito às nasais no fim das palavras.

Escreve:

nhum — por nhũ — campo;
mongatyron — por *mongatyrõ* — enfeitar;
motim — por *motĩ* — envergonhar;
tupam — por tupã — Deus;
puruán, muruã e *puruá* — por *muruá, puruá* — prenhez, prenhe;
iabion, iabiõ — por *îabîõ* — cotidiano;
iran — por *irã* — tempo vindouro;
etc. etc.

São falhas, sem dúvida, mas compreensíveis para a época, quando a língua falada elucidava a escrita. Hoje, entretanto, aos menos avisados podem dar a impressão de que, por exemplo: *ã, am, an,* e *ẽ, em, en,* etc. representavam, como no português, um valor constante, único, o que, absolutamente, não é verdade para o tupi.

A elas não poderiam deixar de juntar-se alguns inevitáveis erros de impressão, como:

nhym — por *nhum* = *nhũ* — prado (campo);
cumarã — por *çumarã* — inimigo;
tughy — por *tugüy* — sangue humano;
a jucar-ucar — por *a jucá-ucar* — mandar matar(9).

---

(9) — Mais exatamente *eu mando* (*mandei*) *matar*, pois os verbos sempre vêm citados na primeira pessoa.

Todos êstes e outros senões juntos, alguns dos quais foram corretamente eliminados pelo organizador da edição paulista, representam, entretanto, bem pouco, quando comparados às dezenas de adulterações imperdoáveis, introduzidas nas formas léxicas, sobretudo nas verbais terminadas em *m* e *n*.

De fato, se no *Vpb*. *nharõ* — *bravo* é correto, mas *nupan* — *açoitar* está aí por *nupã, tim* e *ti* — *envergonhado* por *tĩ*, não quer isto dizer que em todos os têrmos tupis se possam substituir as consoantes finais *m* e *n* por um til sôbre a vogal anterior, principalmente nos verbos e adjetivos conjugados, como se fez na reedição paulista.

Senão vejamos algumas das "pequenas correções" nela feitas indevidamente:

verbete português	grafia correta do manuscrito	grafia errada da edição paulista
acepilhar	— anhopin	— anhopĩ(10)
achar	— agoacem	— agoacẽ;
adiantar-se	— aiiopoan	— aiiopoã;
afugentar	— aimoanhan	— aimoanhã;
aguar (casa, horta)	— amoakym	— amoakỹ;
beliscar	— apixam	— apixã;
cheio	— tynycem	— tynycẽ;
cuspir	— atumon	— atumõ;
empinar-se	— apoam	— apuã;
fiar	— aipoban	— aipobã;
gemer	— xe poacem	— xe poacẽ;
mau agouro	— moraigoan-aib	— moraigoã-aib(11);
engulir, papar	— aimocon	— aimocõ;
perder-se	— acanhem	— acanhẽ;
preto ser	— xe run	— xe rũ;

(10) — Mantivemos em nossa transcrição as letras: *c, x, nh* para não desviar a atenção do essencial. Verbos e adjetivos estão na primeira pessoa.

(11) — Até neste têrmo, que figura na forma *moraigoana* no verbete *agouro*, a sílaba *an*, que aí é apócope de *ana* (!) *foi substituída* por *ã*, destruindo-se ao mesmo tempo por uma hiato (= ã-aib) a legítima ligação eufônica (= an-aib), tão ciosamente observada pelos tupis.

verbete português	grafia correta do manuscrito	grafia errada da edição paulista
sair	— acem	— acẽ;
soterrar	— anhotym	— anhotỹ;
tingir de preto	— aimoun	— aimoũ;
etc. etc.		

Sem dúvida o nosso restaurador não se deu conta do quanto essas alterações o complicam.

Em 1938, empenhou-se na publicação do *Vocabulário na Língua Brasílica*, uma cópia do tão falado léxico tupi dos jesuítas. Foi um serviço aos estudos pátrios da mais alta relevância, o primeiro passo para as urgentes retificações de inúmeras fantasias espalhadas sôbre o tupi, que muitos discutiam, mas ninguém estudara.

Pois bem, nesse *Vlb*. ocorrem necessàriamente muitos dos têrmos tupis que figuram tais quais no *Vpb*. agora impugnados pelo reeditor. Estabelece êle assim uma dualidade de apreciação: o que aceitou em 1938, rejeita 13 anos depois!

A primeira idéia, que essa verificação sugere, é que no intervalo êle aprofundou os seus conhecimentos.

Puro engano!

Ainda que se nos afigure inacreditável, nada parece ter aprendido nos longos anos de regência da Cátedra de Tupi, pois, ainda em 1951, teima por ignorar ensinamentos da primeira (!) fôlha da gramática de Anchieta:

> "... dos pitiguares da Paraiba até os tamoios do Rio de Janero pronunciam inteiros os verbos acabados em consoante (!!) ut: *apâb, acêm, apên, aiur*"(12).

(12) — *Arte de Gramática;* fl. lv. — Anchieta não incluiu aí o futuro Estado do Maranhão, porque, na época (1595), não fôra ainda colonizado.

Por outro lado poderia alegar-se, que pela desinência de certos vocábulos, o dialeto tupinambá do Maranhão se aproximava do guarani. Entretanto, que tal não se dava nas palavras conjugadas, mostra a grafia do *Vpb*. Os verbetes transcritos no último apanhado acima, quase todos na primeira pessoa, trazem a consoante final rigorosamente de acôrdo com a articulação tupi, indicada por Anchieta e confirmada pelo *Vlb*. — Confundir a pronúncia dessas sílabas com a portuguêsa, é desconhecer um dos preceitos fundamentais da morfologia tupi.

Esta informação anchietana é de suma importância, porque fixa uma feição generalizada dos dialetos costeiros, da língua tupi e, como tal, bem caracterizada nos compêndios jesuítas e também na maioria das palavras conjugadas(13) do *Vlb*.

Ainda mais explícita no particular, válida para tôda a costa brasileira e o Baixo-Amazonas é a preciosa *Advertência sôbre a Ortografia e pronunciação,* da segunda edição do catecismo do p. Araújo, onde se lê na sexta página:

> "As consoantes finais se devem proferir perfeitamente. E, assim, quando acabam em *m,* como *aguacem* — (*eu*) *acho,* se há de exprimir o *m,* apertando os beiços. Acabando em *n,* como *nhan* — (*eu*) *corro,* se há de proferir o *n* com os beiços abertos, tocando a língua no palato e soltando-se logo com *algum estalido*(14). E assim das mais consoantes respectivamente. Por essa razão, neste livro se não substitui o til por *m,* nem *n,* por evitar-se confusão (!!) e reservar-se o til para as dições de que trata o parágrafo antecedente, e para que se saiba em que letra, se *m,* se *n,* acaba a dição; pois é necessário êsse conhecimento para a formação dos verbos por seus tempos, *que depende destas finais*" (!)

Evidentemente, ao publicar o *Vocabulário Português-Brasílico,* o seu responsável, professor universitário da disciplina, ainda não tinha conhecimento dessas informações básicas para o estudo da morfologia tupi; ou, então, adulterou-o propositadamente, conferindo-lhe características guaranis, de algumas das quais participava o dialeto dos tupis pròpriamente ditos, de São Vicente, como se vê num trecho de Anchieta:

"Os Tupis de São Vicente, que são além dos tamoios do Rio de Janeiro, nunca pronunciam a última consoante no verbo afirmativo, ut pro *apab* dizem *apá,* pro *acêm* e *apên* (dizem) *acẽ, apẽ,* pronunciando o til sòmente(15); pro *aiur* — (dizem) *aiú*".

Se agora compararmos as peculiaridades dessa última transcrição, que a "língua brasílica" dos jesuítas, o nosso "tupi", não perfilhou, porque não ocorriam nos dialetos costeiros, do Rio de Janeiro a Pernambuco, com o procedimento do organizador da segunda edição do *Vpb,* transparece nítido o seu insensato esfôrço para renegar nos seus ensinamentos e, sem maior alarma, mais uma das divergências entre o tupi e o guarani e, assim, continuar a nivelar, pelo menos no papel, a linguagem do Sul com a do Centro e do Norte. Ampararia, dessa forma a cambaleante denominação genérica de *língua tupi-guarani* por êle adotada. — Semelhantes tentativas inoperantes para nulificar diferenças lingüísticas não merecem comentário.

(13) — Anchieta refere-se aí à primeira pessoa do indicativo de verbos paroxítonos no infinitivo tupi.

(14) — As letras *m* e *n* finais pronunciavam-se, portanto, claramente, como no espanhol, inglês ou alemão!

(15) — Quer dizer, "pronunciando a nasal sòmente".

Por outro lado, para alertar os incautos vale a pena frisar, mais uma vez, o desenvolvimento histórico do genérico tupi, nunca divulgado em demasia.

O que hoje se chama *língua tupi* pelo consenso dos lingüístas não é o dialeto dos antigos tupis pròpriamente ditos, de São Vicente, embora a êles fôsse tomado o nome, mas aquêle idioma *uniformizado,* que os jesuítas oficializaram em seus compêndios, por corresponder à fala da grande maioria das tribos costeiras e, por isso, chamado *língua brasílica*.

Entretanto, por volta de 1800, as obras do pe. Hervás(16) começaram a difundir a denominação de *língua tupi,* que no Paraguai correspondia, de longa data, ao que no Brasil era chamado de *língua brasílica*(17).

Com o lançamento do gentílico *tupi,* de projeção secular em duas literaturas e a sua promoção a genérico de âmbito nacional, continuavam atendidos e adaptados à realidade brasileira os reclamos científicos de particularização.

Do ponto de vista geográfico, o gentílico *tupinambá* tinha credenciais de maior pêso para se tornar genérico do que *tupi*(18).

Mas, os títulos, que vencem numa competição e se impõem à posteridade, nem sempre têm a seu favor todos os argumentos. Acresce, que, das tribos brasileiras de língua brasílica, só uma,

(16) — A de maior projeção foi a seguinte:
Hervás (y Panduro), p. Lourenço —; Catálogo de las Lenguas etc. 6 vols. Madrid, 1800-1805.
O I. vol. trata das nações e línguas da América.

(17) — Para maiores esclarecimentos veja o nosso *Tupis e Guaranis,* pp. 33-55.

(18) — Compare o capítulo: *Em Lingüística, Tupinambá não é Sinônimo de Tupi*.

a dos tupis de São Vicente, tivera contato mais freqüente com os paraguaios, os pais do genérico *tupi*[19].

Por outro lado, para Hervás, que dali o recolheu, e, para tantos outros, o nome *tupi*, sendo abreviação de *tupiniquim*, também o poderia ser de *tupinambá* e *tupinaé*, pois também êstes nomes são compostos de *tupi*. Foi provàvelmente essa ocorrência do têrmo *tupi* em diversas denominações tribais, que influiu, poderosamente para consolidar definitivamente a sua promoção a genérico.

Voltemos, porém, ao nosso *Vocabulário Português-Brasílico*, às alterações nêle praticadas.

A par das desinências verbais, que a segunda edição truncou e das quais só respigamos pequena fração, há outras emendas feitas nessa reedição. Enumeremos também delas algumas das "pequenas correções":

Apertada cousa — corresponde a *ipuii* como está acentuado no vocabulário e não a *ipuii;*

arrugar-se — *anhynhyng* foi deturpado para *anỹnyng*.

valer a cousa muito — vem escrito *xepyguaçú* no *Vpb*. (com troca do *c* por *x*) em lugar de *cepyguaçú - vale muito*, e não da inconcebível "correção" *xe repyguaçu*, que significa *"o meu alto valor"* (!!).

mordedura — *xanha-rendagûera* foi vítima de duas *correções*, que reduziram o têrmo a *sãia-rendá-aguera*, quando bastara mudar o *x* para *s*: *sanha-rendaguera*.

Muito mais proveitoso fôra mostrar a impropriedade de *sanha-rendàgûera — o lugar onde estiveram os dentes* (!) do *Vpb*. para traduzir *mordida*, comparando essa desajeitada expressão ao velho têrmo tupi, tão conciso, formado com *tãîa* e o sufixo *pora*, isto é: *tãîbora — dentada, mordida*.

Ventar — *apoam* é outro verbete capaz de fazer cair em si qualquer lingüista medíocre tentado de corrigir *apoam* para *apoã*, como se fez na segunda edição do *Vpb*.

É que em seguida à forma *a poam — eu me levanto*, em tradução literal, vem o exemplo *coromõ ybytú(o) poamine — logo se há de levantar o vento*.

(19) — Compare: *Tupis e Guaranis;* pp. 33-55.

Êsse *o poami ne — êle se levantará* mostra, porque, como diz a *Advertência* do catecismo de Araújo, as sílabas finais do indicativo *am* e *an* devem ser mantidas. As suas consoantes *m* e *n* são indispensáveis no tupi para a formação de certos tempos, do futuro, por exemplo, como se vê em *poami ne*. Ora, mutilando-se o verbo *poama — levantar-se* e *a poam — eu me levanto* para *poã* e *a poã*, como se justificará a forma *o poami ne?* De onde virá então o *m?* Nunca será pelo guarani que tais formas se explicam.

Mão esquerda e *mão direita* nos vocabulários tupis não se referem às mãos em si, mas à *direção* ao *lado*, como hoje usamos a expressão de tráfico: *andar na mão*. — Eis por que no tupi não mencionam a palavra *mão*. *Ekatuaba* é, pois, *direita*, s. e *direito* adj; *asú — esquerda*, s. e *esquerdo*, adj; mas o povo continua a indicar a direção usando *mão direita* e *mão esquerda*, como os dicionaristas tupis. Assim, o reparo ao verbete devia "evidentemente" ser outro.

piolho — é *kyba* mesmo, em tupi, e não *gûyba* como se corrigiu, seduzido por um êrro de transcrição no *Vlb*. A comparação com os dicionários guaranis teria evitado o grande êrro em que deu a "pequena correção". Mas, logo nesse caso se esqueceu o editor do seu guarani!

inimigo — vem grafado *cumarã* no *Vpb*. sem cedilha. Se o organizador da segunda edição escreveu *kumarã*, é porque não conhecia ainda o têrmo *sumarã*, relativamente comum nos compêndios tupis dos jesuítas.

Aprende-se nas aulas de catecismos, que ao lado dos pecados de ação sempre ocorrem os de omissão. Convencemo-nos disso agora ao examinar a reedição do *Vpb*.

Apenas um exemplo.

nhemoçainambaba — *ocupação*. É um verbal que pode ter sido usado no dialeto tupinambá do Maranhão, mas que merecia pelo menos uma observação. A palavra é formada com o verbo *nhemosainana — ocupar-se, preocupar-se.*

Ora, em tupi, os verbos paroxítonos terminados em *na* formam verbais abstra-

tos substituindo o *a* final por *daba,* ou com outras palavras: acrescentando *daba* à forma do indicativo.

nhemosainana — ocupar-se;
a nhemosainan — eu me ocupo em;
nhemosainandaba — ocupação.

Nhemosainambaba só seria admissível se o verbo fôsse *nhemosainama,* porque só os terminados em *ma* substituem o *a* final por *baba*.

Bastam êsses poucos exemplos para mostrar que uma boa edição comentada requer algo mais do que simples oportunidade e coragem.

No entanto, mais uma vez, sejamos eqüitativos. Se é verdade que o reeditor do *Vpb*. afeou a sua edição com alterações descabidas, também é verdade que não lhe cerceou os préstimos.

Em quase tôdas as alegadas correções por nós apontadas mostrou cândidamente as suas desnorteantes falhas, transcrevendo também a forma original correta([20]). É o seu mérito, a par da leitura cuidadosa. O valor em si do *Vpb*. na sua segunda impressão não continua, pois, apenas intato, mas em muitos pontos supera o da primeira.

Infelizmente não podemos afirmar o mesmo do nosso tupinista anotador, cujo nimbo de lingüista tornou a empalidacer sensìvelmente com essa publicação, pela ignorância dos rudimentos mais elementares do tupi.

([20]) — Em alguns casos, entretanto, o editor não indicou a forma que figura no original. Nos verbetes *levantar-se* e *madrugar,* por exemplo, substituiu *apuam* e *aropuam* por *apuã* e *aropuã,* sem o revelar. Mais outras correções descabidas poderão ser respigadas pelos interessados.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://biblio.etnolinguistica.org

IV

O DICIONÁRIO PORTUGUÊS-BRASILIANO e BRASILIANO-PORTUGUÊS

A — O DICIONÁRIO PORTUGUÊS E BRASILIANO (*Dpb.*)

São freqüentes, quiçá fastidiosas, as referências que fazemos nestes estudos ao *Dpb*. e às diferenças que o distinguem do léxico tupi, do *Vlb*. ou seja da lingua brasílica dos jesuítas. Mas, como nada esclarecem simples afirmativas, por mais veemente seja o seu enunciado, urge concretizarmos a nossa opinião com dados mais precisos, tanto sôbre a provável origem da obra, quanto às peculiaridades mais características do dialeto em si. É nêles que terá de estribar-se o conceito em que temos o *Dpb,* a definição que damos do *brasiliano* e a justificativa da própria denominação.

O prefácio à reimpressão de São Paulo([1]) historia com amplos pormenores a I. edição do *Dpb*. de 1795, a identificação do seu editor e do manuscrito original existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Reconhece, outrossim, que o vocabulário contido na *Porandubа Maranhense*([2]) nada mais é do que o reverso do *Dpb,* isto é, a parte brasiliana — portuguêsa, composta por um franciscano, certo frei Onofre, segundo o testemunho de frei Francisco de N. S. dos Prazeres Maranhão([3]), seu irmão de Ordem. Excede-se, entretanto, o prefaciador, quando atribui também a I. parte a frei Onofre sem aduzir qualquer prova em apoio da

([1]) — Publicado no tomo 18 da *Revista do Museu Paulista;* S. Paulo, 1934.
([2]) — *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro;* tomo 54, parte I.
([3]) — *Ibidem;* p. 187.